



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

30 de maio de 2026

THE TRUMAN SHOW/ 1998

(A Vida Em Directo)

Um filme de PETER WEIR

Realização: Peter Weir / **Argumento:** Andrew Niccol / **Fotografia:** Peter Biziou / **Direção Artística:** Dennnis Gassner / **Música:** Burkhard Dallwitz e Philip Glass / **Montagem:** William Anderson e Lee Smith / **Intérpretes:** Jim Carrey (Truman Burbank), Laura Linney (Meryl), Noah Emmerich (Marlon), Natascha McElhone (Lauren/Sylvia), Holland Taylor (Sr. Burbank), Ed Harris (Christof), Brian Delate (Sr. Burbank), Una Damon (Chloe), Paul Giamatti (o controlador), Philip Baker Hall e John Pleshette (executivos), Peter Krause (Lawrence).

Produção: Scott Rudin, para a Paramount / **Cópia:** digital, colorida, versão original com legendas eletrónicas em português / **Duração:** 104 minutos / **Estreia Mundial:** maio de 1998 / **Estreia em Portugal:** Alfa, Amoreiras, Fonte Nova, Londres, Saldanha, Quarteto, São Jorge, em 13 de novembro de 1998



Grande sucesso de bilheteira **The Truman Show** foi um filme que provocou também alguma discussão, menos pela sua “visão do futuro” e da sua encenação da “ficção” televisiva do que pelas questões éticas que se adivinham na história que conta e que se colocam já, a outro nível, no trabalho da televisão. As que se levantam em relação a determinados “produtos” conhecidos como “reality shows”. São casos diferentes, evidentemente, pois os participantes destes programas são

“concorrentes” que sabem o que fazem e o que lhes estão a fazer, o que não é o caso, bastante mais grave no que a ética diz respeito, de Truman Burbank, mas as questões não o serão tanto, porque no que se refere a Truman há uma evidente intrusão na privacidade de uma pessoa, uma “agressão”, para não falar da constante manipulação de que é alvo para ser mantido “permanentemente” na ignorância (e as que sofre em criança para lhe incutirem as fobias que o impedem de fugir), por muitas “justificações” que o criador e os atores da “novela” arranjam, que parecem saídos de tantos discursos conhecidos das páginas das revistas de espetáculos, de justificação de outros programas polémicos.

Outra leitura do filme foi a de uma metáfora “bíblica”, encenando, através do multimédia de hoje, a revolta do homem contra o “Criador”, perspectiva corroborada pelo nome do autor e realizador do programa, Christof (acentuada pela magnífica criação de Ed Harris, com um ar de patriarca quase divino na sua serena impassibilidade e a forma como “resolve” as questões mais complicadas relacionadas com a vida de Truman na sua “gaiola dourada”), pelas razões que este avança em defesa do seu programa, e, “last but not least”, pela significativa sequência da “tempestade” final e do “diálogo” com Truman quando este se prepara para abrir a porta “proibida”, voz que parece vir do céu e ecoa como numa abóbada (que de facto é). E mais ainda pelo gesto de Truman, gesto de revolta, que tem o seu equivalente na de Lúcifer (o anjo caído), ou no campo de outra mitologia, na de Prometeu e outros Titãs contra Zeus. Mas é evidente que, sendo Truman “humano” a comparação imediata é com Adão. Truman não vai levar o saber aos outros humanos, vai, antes, enfrentar um mundo onde se sofre, se luta e morre, se chora e desespera, mas também se ama e se ri. Vai descobrir a vida fora do “paraíso artificial” e é também uma mulher (“expulsa” do programa) que o leva ao gesto de afirmação.

Mais concretamente **The Truman Show** é um filme que “põe em cena” (e o conceito tem todo o sentido aqui) um “futuro” e uma “forma de vida” não muito diferentes das que Orwell descrevia em “1984”, um mundo controlado pela presença todo-poderosa da câmara de televisão. Geralmente não vemos, como Truman os “olhos” que nos espreitam (ou o podem fazer) que não são apenas as câmaras de televisão e sim os muitos meios já existentes de se controlar e espiar a vida do próximo. Ou não queremos ver como os “comparsas” e “vizinhos” de Truman de Seahaven, atores que se “adaptam” ao método e nele encontram formas de vida e razões para viverem. De certo modo esta poderá ser a perspectiva mais próxima de **The Truman Show**, que corresponde à do seu argumentista (e coprodutor) Andrew Niccol, exposta de forma mais “coerente” e acabada em **Gatacca**, que ele próprio dirigiu. **The Truman Show** acaba por ser uma espécie de “inversão” mais “comercial” da ideia original de **Gatacca**, onde também um homem se revoltava contra um mundo “perfeito” no futuro conforme se vai, a pouco e pouco, apercebendo da realidade (mais próximo, também, de um **Dark City** de Alex Proyas, do que da total construção “virtual” de **The Matrix**).

Finalmente **The Truman Show** pode ser visto, e desta vez com mais certeza e evidência, como uma sátira e paródia à televisão, que não deixa de evocar, apesar de lhe faltar a mordacidade e crueldade, as que Frank Tashlin e Jerry Lewis fizeram. Paródia, de certo modo mesclada de “homenagem”, pois o argumento de **The Truman Show** poderia ter sido o de um episódio da lendária série **The Twilight Zone**. E se o não foi, Rod Serling e seus comparsas escreveram outros semelhantes. Esta “paródia-homenagem” torna-se mais transparente quando se atenta na imagem que Seahaven nos transmite, edulcoração de outras tantas pequenas comunidades de séries de televisão americana dos anos 50 (e do cinema deste tempo também), que se torna mais significativa por surgir em simultâneo com imagem idêntica noutro filme que, esse sim, assumia abertamente a “paródia-homenagem” ao pequeno ecrã daquele tempo: **Pleasantville** de Gary Ross.